

O gênero *Staelia* Cham. & Schltld. (Rubiaceae - Spermaceae) no Estado de Pernambuco, Brasil¹

Elnatan Bezerra de Souza² e Margareth Ferreira de Sales³

Recebido em 23/06/2003. Aceito em 02/06/2004

RESUMO – (O gênero *Staelia* Cham. & Schltld. (Rubiaceae - Spermaceae) no Estado de Pernambuco, Brasil). O trabalho consiste do estudo taxonômico das espécies de *Staelia* no Estado de Pernambuco. Quatro espécies foram registradas: *S. aurea* K. Schum., *S. galioides* DC., *S. vestita* K. Schum. e *S. virgata* (Roem. & Schult.) K. Schum. Apresenta-se uma chave analítica para a identificação das espécies, além de descrições, comentários, ilustrações e mapa de distribuição geográfica.

Palavras-chave: Rubiaceae, Spermaceae, *Staelia*, taxonomia, Brasil

ABSTRACT – (The genus *Staelia* Cham. & Schltld. (Rubiaceae - Spermaceae) in the State of Pernambuco, Brazil). This work presents a taxonomic study of the species of *Staelia* present in the State of Pernambuco. Four species were found: *S. aurea* K. Schum., *S. galioides* DC., *S. vestita* K. Schum. and *S. virgata* (Roem. & Schult.) K. Schum. A key to identify the species, descriptions, comments, illustrations and a geographic distribution map are provided.

Key words: Rubiaceae, Spermaceae, *Staelia*, taxonomy, Brazil

Introdução

O gênero *Staelia* foi descrito por Chamisso & Schlechtendal (1828) baseado em uma planta procedente da região tropical da América do Sul, denominada por eles de *S. thymoides*. Este gênero distinguia-se dos demais da tribo Spermaceae pelo cálice bissépalo, pela corola infundibuliforme e pelo fruto capsular com deiscência oblíqua. O nome genérico foi uma homenagem ao Barão August Stäel von Holstein. De Candolle (1830) reconheceu o gênero descrevendo duas novas espécies: *S. galioides* e *S. reflexa*. Na mesma obra, o autor descreveu o gênero *Tessiera*, baseado em *T. lanigera* e *T. lithospermoides*, ocorrentes no Brasil e no México, respectivamente.

Autores como Endlicher (1838) e Bentham & Hooker (1873) reconheceram *Staelia* e não aceitaram o status genérico de *Tessiera*, preferindo considerá-lo como sinônimo de *Spermaceo* L., ao lado dos gêneros *Borreria* G. Mey., *Difragmus* Presl. e *Hypodematium* A. Rich.

Baillon (1880) não aceitando a identidade de *Staelia*, incluiu o gênero na sinonímia de *Spermaceo* L., cujo conceito também abrangia *Mitracarpus* Zucc.

ex Schult. & Schult. f., *Hypodematium* A. Rich., *Diodia* L., *Dasycephala* DC. e *Octodon* Thonn. Posteriormente, Schumann (1889) restringiu o conceito de *Spermaceo*, retirando de sua circunscrição os gêneros *Staelia*, *Mitracarpus* e *Diodia*. Este autor não aceitou *Tessiera*, incluindo-o na circunscrição de *Staelia*. Reconheceu para *Staelia* dez espécies, sendo quatro inéditas: *S. aurea*, *S. capitata*, *S. cathechosperma* e *S. vestita*; três novas combinações: *S. lanigera* (DC.) K. Schum., *S. thymbroides* (Mart. & Zucc.) K. Schum. e *S. virgata* (Roem. & Schult.) K. Schum. O autor também propôs três seções para o gênero (*Tessiera*, *Anthospermopsis* e *Eustaelia*), tomando como base hábito, forma e textura das folhas, tipo de estilete e permanência ou não da semente nas valvas após a deiscência. Kirkbride (1997), analisando a forma de deiscência do fruto em *Anthospermopsis*, propôs o reconhecimento do mesmo como um gênero a parte. Outros trabalhos abordam a descrição de novas espécies ou redescrições em floras regionais (Rusby 1895; Chodat & Hassler 1904; Benjamin 1959; 1971; Bacigalupo 1974; 1993; 1996).

Este estudo tem como objetivo o reconhecimento das espécies de *Staelia* ocorrentes em Pernambuco e

¹ Parte da Dissertação de Mestrado do primeiro Autor

² Coordenação de Biologia, Universidade Estadual Vale do Acaraú, CEP 62040-370, Sobral, CE, Brasil

³ Departamento de Biologia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, CEP 52171-930, Recife, PE, Brasil (mcroton2002@yahoo.com.br)

⁴ Autor para correspondência: ebsouza@uvanet.br

a sua respectiva distribuição geográfica no Estado.

Material e métodos

O Estado de Pernambuco está situado entre os meridianos 34°48'35" e 41°19'54"W e os paralelos 7°15'45" e 9°28'18"S. Com área de 98.281km², o Estado apresenta o maior gradiente de leste para oeste, onde se verificam as zonas fisiográficas: Litoral, Mata, Agreste e Sertão (Jacomine *et al.* 1973). Em termos vegetacionais, o Estado foi dividido por Andrade-Lima (1960) igualmente em quatro zonas fitogeográficas: Litoral, Mata, Caatinga e Savanas.

Considerando a diversidade fisiográfica e fitogeográfica do Estado, foram realizadas coletas no período de abril/1995 a agosto/1996. Os exemplares coletados foram herborizados segundo as técnicas convencionais (Mori *et al.* 1989) e depositados no herbário da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PEUFR). A identificação das espécies foi baseada nas publicações originais, complementando-se com informações de trabalhos atualizados, além de fotografias de materiais históricos provenientes do Royal Botanic Gardens (K). Na padronização das descrições, utilizou-se a terminologia proposta por Radford *et al.* (1974).

Além desses materiais, foram analisados espécimes herborizados provenientes de herbários locais e de outros Estados do Brasil, designados por suas siglas conforme o Index Herbariorum (Holmgren *et al.* 1990): ALCB, EAC, EAN, HRB, HST, IPA, JPB, MG, PEUFR, SP, SPF, TEGB, UB e UFP.

Os dados de distribuição geográfica das espécies procederam tanto das coletas quanto das informações de herbário e da literatura especializada.

Resultados e discussão

Staelia Cham. & Schltdl., Linnaea 3:364. 1828.

Ervas ou subarbustos perenes, raramente anuais. Caules eretos ou ascendentes, cilíndricos a

quadrangulares, opostos ou alternos ao longo do eixo principal, formando ou não touceiras, às vezes curtos, rígidos e terminando mais ou menos no mesmo nível, glabros, tomentosos, velutinos, lanosos ou pubérgulos. Estípulas conadas, formando uma bainha, marginada por setas, lineares ou linear-lanceoladas. Folhas opostas ou pseudoverticiladas pela presença de braquiblastos nas axilas, sésseis, lineares a estreitamente elípticas, de base atenuada e ápice agudo, de margem revoluta, herbáceas, cartáceas a coriáceas, glabras, pubérgulas, lanosas a escabras. Glomérulos pauci ou multifloros, terminais e/ou axilares, inseridos na axila de duas ou três (raramente quatro) brácteas foliáceas. Flores sésseis ou subsésseis, andróginas, homógamas, hipanto adnado ao ovário. Cálice persistente, com dois lobos linear-lanceolados a subulados, de margens ciliadas, geralmente com dentículos glandulares interpostos. Corola infundibuliforme, branca, tetralobada, de prefloração valvar, externamente pubérgula a pubérulo-papilosa, internamente com anel de pêlos moniliformes no terço inferior; lobos oval-triangulares, pubescentes no ápice. Estames quatro, exsertos, epipétalos, alternipétalos; anteras oblongas, dorsifixas, introrsas. Estilete filiforme, bífido ou capitado, exserto. Ovário turbinado, bicarpelar, bilocular, com óvulos solitários, peltados, fixos no septo interlocular; disco nectarífero íntegro. Fruto capsular com deiscência septicida e transverso-oblíqua, separando-se em duas valvas apicais, coroadas pela sépala correspondente, e uma parte basal persistente, formada pela porção inferior dos carpelos e o septo interlocular; valvas subcarenadas a carenadas, uni a trinérvias, ou sem nervuras evidentes. Sementes planoconvexas, castanho-escuras a nigrescentes, semi-elípticas, oblongas a obovais, de face dorsal microscopicamente fovéolo-papilada, e face ventral estrofiolada, com dois sulcos longitudinais profundos; embrião axial, de cotilédones ovais, albume córneo.

Gênero com cerca de 14 espécies, 12 das quais referidas para o Brasil. Em Pernambuco registram-se quatro espécies.

Chave para as espécies de *Staelia* no Estado de Pernambuco, Brasil

1. Brácteas três, raramente duas, 1-1,8cm compr., 2-4mm larg.; bainha estipular com três setas 1,5-2mm compr. 2. *S. galioides*
1. Brácteas duas, raramente três, 1,5-4cm compr., 2-7mm larg.; bainha estipular com (3)-5-15 setas 2-7mm compr.
 2. Lobos do cálice 1,5-2mm compr.; corola 4-6mm compr.; lâmina foliar com a face superior escabra; ramos tomentosos, vilosos a glabrescentes 3. *S. vestita*

2. Lobos do cálice 2-4mm compr.; corola 6-8mm compr.; lâmina foliar com a face superior glabra ou levemente pilosa; ramos glabros a pubérgulos
 3. Ramo florífero glabrescente; bainha estipular com (3)-5-7 setas 1. *S. aurea*
 3. Ramo florífero pubérgulo; bainha estipular com 7-15 setas 4. *S. virgata*

1. *Staelia aurea* K. Schum., in Martius, Fl. Bras. 6(6): 77. 1889.

Fig. 1 A-H.

Ervas ou subarbustos 30-50cm alt. Caules cilíndricos a subquadrangulares na base e quadrangulares no ápice, de coloração amarelo-esverdeada, pubérgulos a glabrescentes; internós 0,7-3,5cm compr. Bainha estipular 1,5-1,8mm compr., pubérgula nas margens; setas (3)-5-7, 2-3mm compr. Lâmina foliar 0,6-3×0,2-0,4cm, glabra a levemente pilosa na face superior e glabra na inferior, às vezes apenas com alguns pêlos sobre a nervura central. Glomérulos 0,5-1,8cm diâm., (3)-6-(12) por ramo florífero; internós do ramo florífero 0,8-5,2cm compr., glabrescentes; brácteas da inflorescência duas, 2-3×0,2-0,4cm. Lobos do cálice 2-2,5mm compr.; denticúlos do cálice dois, glandulares. Corola 6-8mm compr.; lobos 2,1mm compr., oval-triangulares. Filetes 1,3mm compr.; anteras 0,8-1mm compr. Estilete 5-6mm compr. Cápsulas 1,5-1,6×1-1,2mm. Sementes 0,7-0,×0,5mm.

Espécie com distribuição restrita ao Brasil. Ocorre nas regiões Norte (sul do Pará), Centro-Oeste, Nordeste e partes do Sudeste (Andersson 1992). Em Pernambuco, a ocorrência está relacionada aos Brejos de Altitude, como os de Bezerros, Bonito, Brejo da Madre de Deus, Caruaru e Pesqueira. Nestes ambientes, as populações podem ser encontradas nas vertentes rochosas, em concavidades, onde se acumulam detritos e solo em formação. Floresce e frutifica no período de maio a outubro.

Material examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Bezerros, 20/VI/1996, fl. fr., *Souza 116* (PEUFR); *Souza 118* (PEUFR); Bonito, 30/VII/1996, fl. fr., *Souza 125* (PEUFR); *Souza 126* (PEUFR); *Souza 127* (PEUFR); 16/X/1996, fl. fr., *Bastos-Accioly et al. 140* (PEUFR); Brejo da Madre de Deus, 26/V/1995, fl., *Villarouco 84* (PEUFR); Caruaru, 14/VII/1995, fl., *Melo 95* (PEUFR 19789); Pesqueira, s.d., fl., *Correia 245* (UFP).

Material adicional examinado: **Bahia:** Barreiras, 6/III/1972, fl., *Anderson et al. 36692* (UB); Caitité, 9/IV/1980, fl. fr., *Harley 21101* (UB); 10/IV/80, fl. fr., *Harley 21200* (UB); 15/IV/1983, fl., *Carvalho et al. 1753* (UB); Brejinho das Ametistas, 15/IV/1983, fl. fr., *Carvalho et al. 1765* (UB); *Carvalho et al. 1782*

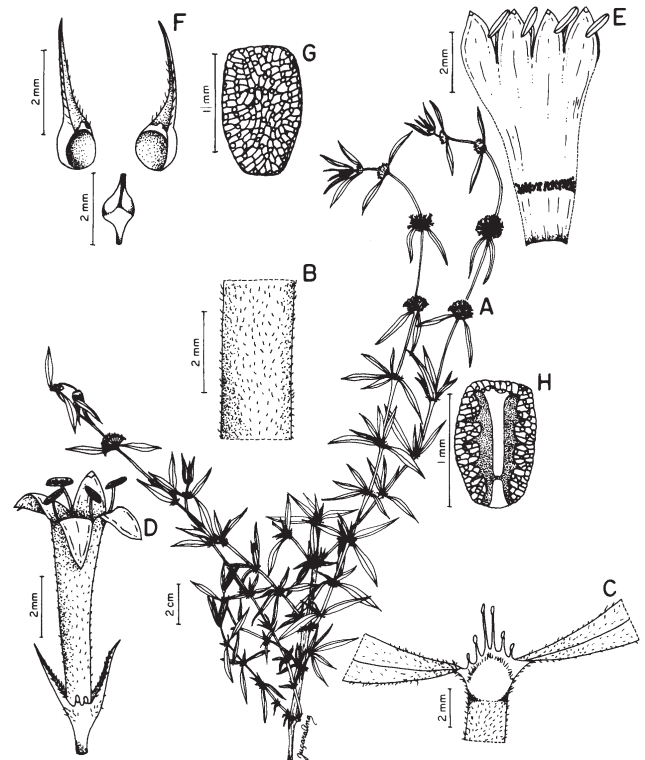


Figura 1. *Staelia aurea*. (Souza 118). A. Hábito. B. Seção do caule. C. Bainha estipular. D. Flor. E. Corola aberta. F. Cápsula após a deiscência. G. Semente, vista dorsal. H. Semente, vista ventral.

(UB); Cocos, 17/III/1972, fl. fr., *Anderson et al. 37146* (UB); Correntina, 23/IV/1980, fl. fr., *Harley 21662* (UB); Rio de Contas, 21/III/1977, fl. fr., *Harley 19817* (UB); 28/III/1977, fl., *Harley 20072* (UB). **Ceará:** Aracati, VII/1838, fl., *Gardner 1706* (IPA). **Piauí:** Gilbués, 14/III/1979, fl. fr., *Del'Arco s.n.* (TEGB 314); Oeiras, IV/1839, fl., *Gardner 2192* (PEUFR). **Tocantins:** s.d., fl. fr., *Burchell 7731* (PEUFR).

A espécie pode ser reconhecida pelas folhas glabras e pela bainha estipular com cinco a sete setas. *Staelia aurea* é uma espécie muito próxima de *S. virgata* (Roem. & Schult.) K. Schum. De acordo com Schumann (1889), a separação entre elas estaria baseada no indumento pubérgulo e na coloração cinza dos ramos floríferos de *S. virgata* e pelos ramos glabros de coloração amarelo-verde de *S. aurea*. Entretanto, a análise dos espécimes de Pernambuco mostrou haver variações nesses caracteres, pois os ramos floríferos podem ser glabros ou pilosos e a coloração pode variar de amarela até cinza.

2. *Staelia galioides* DC., Prodr. 4: 573. 1830.

Fig. 2 A-H.

Subarbustos subcespitosos 30-70cm alt. Caules cilíndricos a subquadrangulares, esfoliantes, fistulosos, pubérulos; internós 1,3-3,8cm compr. Bainha estipular 1-1,5mm compr., pubescente na margem; setas três, 1,5-2mm compr., desiguais. Lâmina foliar 1-1,6-(2,7)×0,2-0,5cm, glabra em ambas as faces, às vezes com leve pubescência na base e sobre a nervura principal. Glomérulos 1,5-1,8mm diâm., 6-15-(30) por ramo florífero; internós do ramo florífero (1,5)-2,5-3,5cm compr., levemente pubérulos, às vezes glabros; brácteas da inflorescência três, raramente duas, 1-1,8×0,2-0,4cm. Lobos do cálice 1,5-2,1mm compr.; dentículos do cálice, um ou dois, glandulares. Corola 4-7mm compr.; lobos 2mm compr., oval-triangulares. Filetes 1,5-1,8mm compr.; anteras de 1mm compr. Estilete 6-8mm compr.; ramos do estilete revolutos. Cápsulas 1,5-2×1-1,2mm. Sementes 0,8-1×0,5mm.

A espécie apresenta distribuição exclusiva no Brasil. Ocorre na região Centro-Oeste, em Goiás, e no Nordeste, em Alagoas, Bahia, Pernambuco e Piauí. É provável que sua distribuição seja mais ampla, alcançando os outros Estados do Nordeste. Em Pernambuco, a ocorrência abrange duas áreas bem definidas: o litoral sul, envolvendo as restingas de Ipojuca (Porto de Galinhas e Serrambi), Rio Formoso (Tamandaré) e São José da Coroa Grande; e os terrenos sedimentares da Chapada de São José em Buíque, município localizado a 285km do litoral. Floresce e frutifica ao longo do ano.

Material examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Buíque, 15/VI/1995, fl. fr., *Figueiredo 75* (PEUFR); 6/V/1995, fl., *Andrade 45* (PEUFR); 15/VI/1995, fl., *Andrade et al. 75* (PEUFR); 17/VI/1994, fl. fr., *Costa e Silva 253* (PEUFR); 18/VII/1994, fl. fr., *Rodal 257* (PEUFR); 19/VI/1994, fl. fr., *Miranda et al. 1770* (HST); 18/X/1995, fl. fr., *Félix et al. s.n.* (HST); Ipojuca, III/1958, fl. fr., *Sarmento s.n.* (PEUFR 115); 29/V/1996, fl. fr., *Souza 109* (PEUFR); *Souza 110* (PEUFR); 29/V/1996, fl. fr., *Souza 113* (PEUFR); Rio Formoso, 26/II/1997, fl. fr., *Souza 158* (PEUFR); 26/VIII/1954, fl. fr., *Falcão 791* (IPA); São José da Coroa Grande, 8/III/1996, fl. fr., *Souza 95* (PEUFR); 26/II/1997, fl. fr., *Souza 159* (PEUFR).

Material adicional examinado: **Alagoas:** Piaçabuçu: III/1838, fl. fr., *Gardner 1335* (PEUFR). **Bahia:** Belmonte, 7/VII/1966, fl. fr., *Belém & Pinheiro 2517* (UB); Camaçari, fl. fr., *Ribeiro s.n.* (ALCB27427); 14/VII/1983, fl. fr., *Bautista & Pinto 837* (MG, HRB); Castro Alves, VII/1952, fl. fr., *Pinto s.n.* (PEUFR

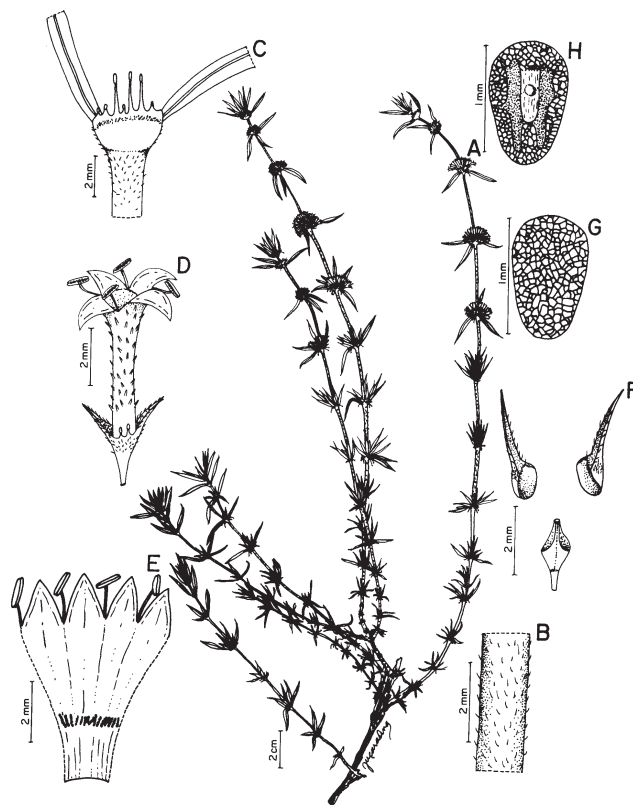


Figura 2. *Staelia galioides* (Souza 158). A. Hábito. B. Seção do caule. C. Bainha estipular. D. Flor. E. Corola aberta. F. Cápsula após a deiscência. G. Semente, vista dorsal. H. Semente, vista ventral.

7105); Correntina, 25/IV/1980, fl. fr., *Harley 21752* (UB); Morro do Chapéu, 2/III/1977, fl. fr., *Harley 19288* (UB); Ribeira do Pombal, 19/V/1981, fl. fr., *Pinto 131* (MG); São Gonçalo, 15/XI/1975, fl. fr., *Costa s.n.* (ALCB4125); Santa Cruz de Cabrália, 31/X/1966, fl. fr., *Belém & Pinheiro 2765* (UB). **Goiás:** Santa Rita, IV/1837, fl. fr., *Pohl 2013* (PEUFR). **Piauí:** Piri-piri, 1/V/1978, fl. fr., *A. B. Souza s.n.* (UB, TEGB).

A espécie pode ser reconhecida pelo hábito subcespitoso, pelos ramos pubérulos, pela bainha estipular com três setas e por três, raramente duas, brácteas. Estas características a diferenciam de *S. reflexa* DC. (não ocorrente em Pernambuco), que apresenta bainha estipular com mais de quatro setas e internós bem mais curtos.

3. *Staelia vestita* K. Schum., in Martius, Fl. Bras. 6(6): 78. 1889.

Fig. 3 A-H.

Subarbustos perenes 30-70cm alt. Caules nodosos, subquadrangulares na base e quadrangulares no ápice, de coloração amarelo-esverdeada, cinza a castanha, tomentosos, vilosos a glabrescentes; internós 1-4cm

compr. Bainha estipular 1,5-2mm compr., pubescente na margem superior; setas 5-(7), 2-5mm compr. Lâmina foliar 1,5-3,5×0,2-0,7cm, escabra na face superior e glabra na face inferior, às vezes com pilosidade sobre a nervura principal. Glomérulos 1-1,8cm diâm., 5-6-(8) por ramo florífero; internós do ramo florífero 0,8-2,8cm compr., tomentosos a glabrescentes; brácteas da inflorescência duas, raramente três, 1,5-2,2×0,4-0,7cm. Lobos do cálice (1,5)-2mm compr.; dentículos do cálice 1-3, glandulares. Corola 4-6mm compr.; lobos 2mm compr., ovais. Filetes de 1mm compr.; anteras 0,8-0,9mm compr. Estilete 5-6 compr. Cápsulas 1,2×1,5mm. Sementes 0,5-1×0,5mm.

A espécie apresenta distribuição exclusivamente no território brasileiro, tendo sido citada originalmente por Schumann (1889) para Piauí (Oeiras) e Goiás (Cavalcante). A distribuição abrange as regiões Centro-Oeste, no Mato Grosso e Goiás, e Nordeste, na Bahia, Piauí e Pernambuco, sendo esta a primeira referência da espécie para o Estado. Em Pernambuco, os espécimes foram coletados no agreste, nos Municípios de Garanhuns e Angelim, no limite sul do Planalto da Borborema. Habita escarpas úmidas, em áreas elevadas, nos Brejos de Altitude, em solos arenos-argilosos. O número reduzido de exsicatas examinadas para Pernambuco não permite precisar o período de floração e frutificação de *S. vestita*. Os indivíduos coletados foram encontrados com flores e frutos no mês de março.

Material examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Garanhuns, 8/III/1996, fl. fr., *Souza 93* (PEUFR); Angelim, fl. fr., *Souza 94* (PEUFR).

Material adicional examinado: **Bahia:** Barreiras, 30/I/1978, fl. fr., *Fernandes & Matos s.n.* (EAC3652); São Inácio, 24/II/1977, fl. fr., *Harley 18981* (UB). **Goiás:** s.d., fl. fr., *Burchell 7989* (PEUFR). **Mato Grosso:** Porto Esperança, fl. fr., *Kuhlmann s.n.* (SP141124). **Piauí:** Oeiras, IV/1939, fl. fr., *Gardner 2187* (PEUFR).

S. vestita foi descrita por Schumann (1889), com base em três materiais distintos: Gardner 2187, referido para o Piauí (Oeiras); Burchell 7989, citado para uma localidade de Goiás, entre a capital e Cavalcante; e Martius s.n., de procedência desconhecida. O exame das fotografias dos dois primeiros materiais históricos, mostrou serem dois espécimes bem similares. É uma espécie relativamente bem delimitada, podendo ser identificada pela bainha estipular geralmente com cinco setas, pelas folhas escabras na face superior e pelos caules quadrangulares, tomentosos, vilosos a glabrescentes.

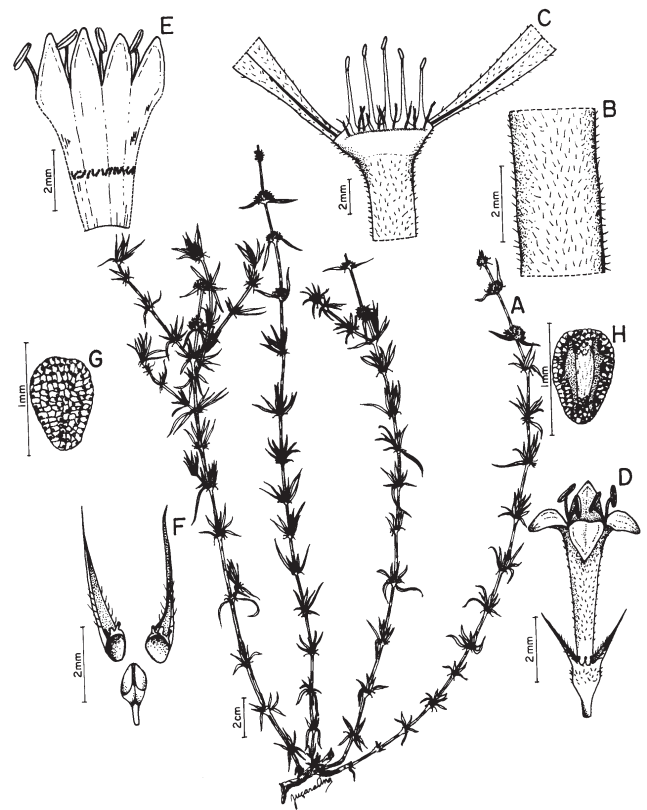


Figura 3. *Staelia vestita* (Souza 93). A. Hábito. B. Seção do caule. C. Bainha estipular. D. Flor. E. Corola aberta. F. Cápsula após a deiscência. G. Semente, vista dorsal. H. Semente, vista ventral.

4. *Staelia virgata* (Roem. & Schult.) K. Schum., in Martius, Fl. Bras. 6(6): 76. 1889.

Spermacoce virgata Willd. ex Roem. & Schult., Syst. Veget. 3: 281, 531. 1818; Mant. 3: 205. 1827. Fig. 4 A-G.

Subarbustos ramosos, suberetos, 40-130cm alt., ramificados a partir da base. Caules delgados, cilíndricos na base e tetragonos no ápice, pubérulos, com pêlos recobrimdo principalmente os ângulos; internós 2-6cm compr. Bainha estipular 1,5-2mm compr., pubérula; setas 7-15, 0,5-7mm compr. Lâmina foliar 2,2-4,7×0,3-0,9cm, face superior glabra a levemente pilosa, face inferior glabra. Glomérulos 1-1,4cm diâm., (4)-6-12-(25) por ramo florífero; internós do ramo florífero 2-3,5-(5,9)cm compr., pubérulos; brácteas da inflorescência duas ou raramente três, 2,2-4,1×0,3-0,7cm. Lobos do cálice 2-4mm compr., geralmente com dois ou três dentículos glandulares interpostos. Corola 6-7mm compr.; lobos 1,5-2mm compr., oval-triangulares. Filetes 1,1-1,3mm compr.; anteras 0,8-1mm compr. Estilete 6,5-7,1mm compr., bifido; ramos do estilete ca. 0,5mm compr.

Cápsulas 1-1,5×1-1,2mm. Sementes 0,9-1,1×0,5mm.

S. virgata é a espécie mais amplamente distribuída entre as estudadas. Sua área de ocorrência abrange todo o Brasil, parte dos territórios do Peru, Bolívia, Paraguai até o norte da Argentina. No Brasil, sua distribuição envolve todas as regiões, desde o Amazonas (Bacia do Rio Negro e leste do Rio Purus), Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí até os Estados da Região Sul (Andersson 1992). Em Pernambuco, a espécie está distribuída na região litorânea e da mata, nos Municípios de Goiana, Recife e São Vicente Férrer. Penetra para o oeste, ocorrendo em vários municípios do agreste, em Bezerros, Bonito, Gravatá, Itambé e Taquaritinga do Norte. Ocorre também no sertão, nos Municípios de Afrânio, Parnamirim, Santa Maria da Boa Vista, Tacaratu e Triunfo. Habita em diferentes formações vegetais, desde a Mata Atlântica até a Caatinga, quase sempre em solos areno-argilosos. Florece e frutifica no período de janeiro a agosto.

Material examinado: **BRASIL. Pernambuco:** Afrânio, 23/IV/1971, fl. fr., *Heringer et al.* 315 (PEUFR; UB); 23/IV/1971, fl., *Heringer et al.* s.n. (IPA19185); Bezerros, 30/VII/1996, fl. fr., *Souza* 130

(PEUFR); Bonito, 9/II/1996, fl. fr., *Silva* 153 (PEUFR); Goiana, 31/I/1997, fl. fr., *Souza* 154 (PEUFR); Gravatá, 20/VIII/1996, fl. fr., *Souza* 142 (PEUFR); VII/1926, fl., *Pickel* 1128 (IPA); Itambé, 30/VIII/1996, fl. fr., *Bastos-Accioly et al.* 137 (PEUFR); 25/VIII/1952, fl., *Magalhães s.n.* (IPA12596); IX/1937, fl., *Vasconcelos Sobrinho s.n.* (IPA522); Maraiá, 21/X/1997, fl. fr., *Siqueira-Filho & Baracho s.n.* (UFP); Parnamirim, I/1985, fl. fr., *Araújo* 104 (IPA, UB); Petrolina, 26/VII/1984, fl., *Pinto* 149 (IPA); 8/IV/1983, fl., *Fotius* 3414 (IPA); Recife, 27/X/1995, fl. fr., *Souza* 29 (PEUFR); *Souza* 30 (PEUFR); 7/VI/1996, fl. fr., *Souza* 114 (PEUFR); *Souza* 115 (PEUFR); Santa Maria da Boa Vista, 29/IV/1971, fl., *Heringer et al.* 393 (PEUFR; UB); São Vicente Férrer, 31/X/1995, fl. fr., *Souza* 40 (PEUFR); Tacaratu, 29/V/1997, fl., *Bastos-Accioly* 187 (PEUFR); Taquaritinga do Norte, 1/VIII/1996, fl. fr., *Souza* 137 (PEUFR); 2/VIII/1996, fl. fr., *Souza s.n.* (PEUFR); Triunfo, 26/II/1986, fl., *Lima & Gallindo* 102 (IPA); sem indicação de localidade, 2/VII/1979, fl. fr., *Fernandes s.n.* (EAC6667).

Material adicional examinado: **Bahia:** Barreiras, 6/III/1972, fl., *Anderson et al.* 36692 (UB); Belmonte, 5/I/1981, fl., *Carvalho & Gatti* 412 (UB); Camaçari, 19/XI/1981, fl. fr., *Bautista et al.* 517 (UB); Rio de Contas, 28/III/1977, fl., *Harley* 20072 (UB); Santo Sé, 5/I/1990, fl., *Miranda & Esteves* 94 (PEUFR); São Inácio, 26/II/1977, fl., *Harley* 19087 (UB). **Ceará:** Granja, 27/VI/1984, fl. fr., *Fernandes s.n.* (EAC12716); 26/VIII/1977, fl. fr., *Fernandes & Lima s.n.* (EAC3472); Reriutaba, 25/V/1981, fl. fr., *Fernandes & Martins s.n.* (EAC10323); Santa Quitéria, 7/VII/1956, fl. fr., *Fernandes s.n.* (EAC1621); Sobral, 19/VII/1974, fl. fr., *Fernandes s.n.* (EAC2461). **Maranhão:** Barra do Corda, 28/I/1977, fl. fr., *Eiten* 519 (UB); São Raimundo das Mangabeiras, 15/III/1962, fl. fr., *Eiten & Eiten* 3648 (UB). **Pará:** Santarém, XI/1828, fl. fr., *Riedel* 1538 (PEUFR). **Paraíba:** Areia, 1/X/1994, fl. fr., *Souza s.n.* (EAC21698); 17/X/1988, fl., *Félix & Dorneles* 1641 (EAN); 28/XI/1980, fl., *Fevereiro et al.* 136 (EAN); Camaratuba, 21/VIII/1941, fl., *Xavier s.n.* (JPB230); Campina Grande, 29/IX/1986, fl. fr., *Fernandes & Matos s.n.* (EAC14781). Lagoa Seca, 27/VI/1980, fl., *Agra* 293 (JPB); Mamanguape, 4/IV/1989, fl., *Félix* 3609 (JPB); 17/V/1989, fl., *Félix et al.* 2021 (JPB; EAN); 13/VI/72, fl., *Xavier s.n.* (JPB3248); 6/III/1990, fl., *Félix & Santana* 2759 (EAN); 30/VIII/1989 (fl.), *Félix & Santana s.n.* (EAN5498); 4/IV/1989, fl., *Félix* 3609 (EAN); 24/IV/1990, fl., *Félix & Santana*

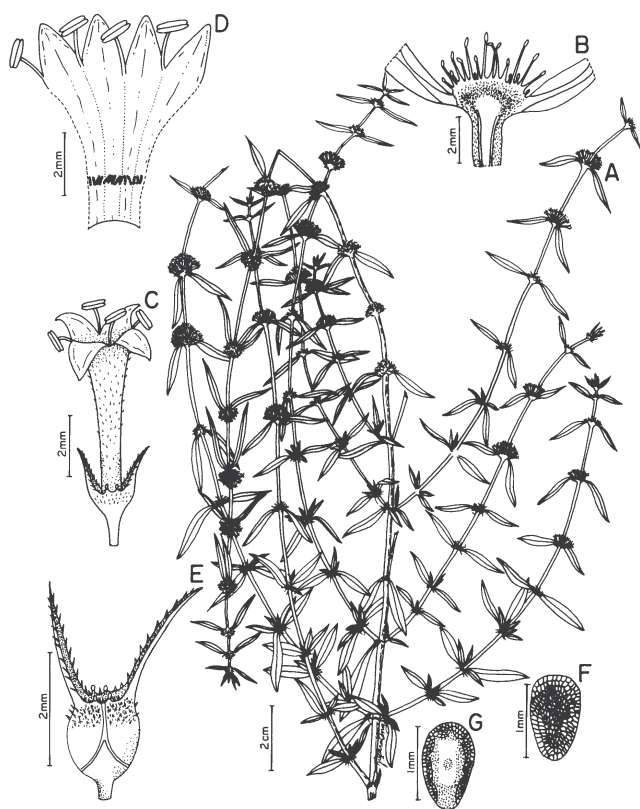


Figura 4. *Staelia virgata* (Souza 137). A. Hábito. B. Bainha estipular. C. Flor. D. Corola aberta. E. Cápsula. F. Semente, vista dorsal. G. Semente, vista ventral.

2891 (EAN); Patos, 14/V/1982, fl., *Miranda & Moura 113* (JBP). **Piauí:** Buriti dos Lopes, 31/V/1979, fl. fr., *Castro & Nunes s.n.* (EAC6258). **Rio Grande do Norte:** Pirangi do Sul, 8/IX/1953, fl., *Tavares 241* (HST).

Staelia virgata distingue-se por apresentar sépalas de 2-4mm compr. e duas brácteas subtendendo os glomérulos do ramo florífero. A análise dos exemplares coletados em Pernambuco revela a existência de dois padrões morfológicos. O primeiro padrão corresponde às populações que habitam a Caatinga, e se caracteriza pelo hábito pouco ramificado, com 20 a 30cm alt. e com (4)-6-12 glomérulos por ramo florífero. O segundo padrão está circunscrito às áreas de Mata Atlântica e Brejos de Altitude. Neste caso, os indivíduos têm 0,4-1,3m alt., hábito mais ramificado e ramos floríferos com 10-25

glomérulos. Esses padrões morfológicos provavelmente refletem os condicionantes ambientais das áreas habitadas pela espécie.

Com base nos dados obtidos, verificam-se quatro espécies de *Staelia* no Estado de Pernambuco, das quais *S. vestita* constitui uma nova citação. Foram observados em Pernambuco três padrões de distribuição geográfica para as espécies de *Staelia* (Fig. 5). As populações de *S. galioides* apresentam distribuição disjunta nas restingas e nos chapadões areníticos, enquanto *S. aurea* e *S. vestita* distribuem-se exclusivamente nos Brejos de Altitude. *Staelia virgata* é a espécie mais amplamente distribuída, ocorrendo em diferentes formações vegetais, desde a Mata Atlântica e a vegetação dos tabuleiros do litoral norte, passando pelos Brejos de Altitude até a Caatinga, na zona semi-árida.

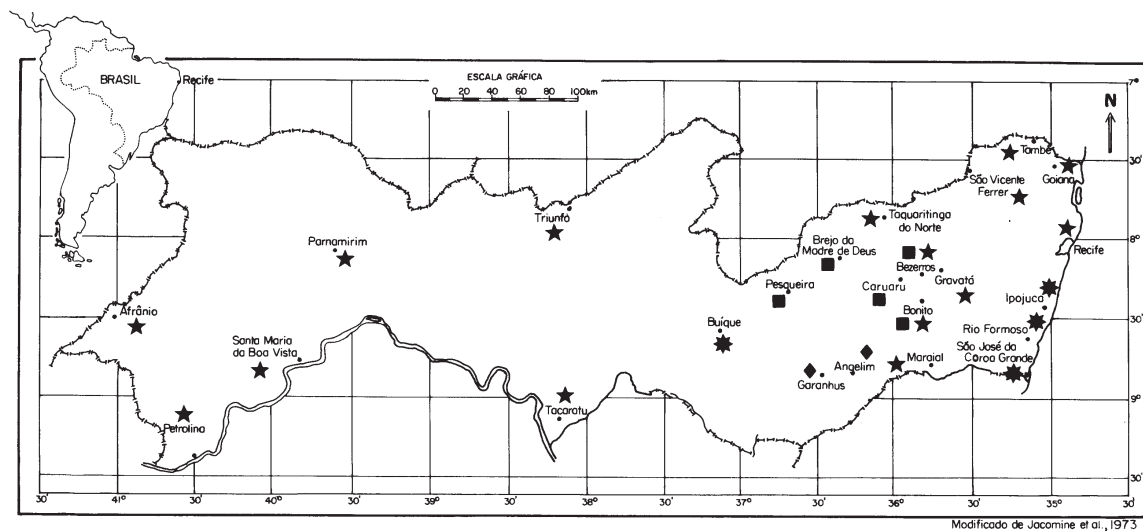


Figura 5. Distribuição das espécies de *Staelia* no Estado de Pernambuco. ■ = *S. aurea*; * = *S. galioides*; ◆ = *S. vestita*; ★ = *S. virgata*.

Agradecimentos

Os autores agradecem às pesquisadoras Maria Regina de Vasconcelos Barbosa, Carmen Sílvia Zickel, Maria Jesus Nogueira Rodal e Luiza Sumiko Kinoshita, pelas críticas e sugestões; ao Dr. Simon Mayo e à Dra. Daniela Zappi, do Royal Botanic Gardens (K), pelo envio das fotografias de materiais históricos; ao Prof. Gonçalo Mendes da Conceição, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pelas sugestões e apoio logístico; à Francisca Simões Cavalcanti, pelo apoio junto ao Herbário Prisco Bezerra (EAC); à bióloga Juçara Bastos-Accioly, pela confecção dos desenhos do hábito e pelo traço em nanquim; ao

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro.

Referências bibliográficas

- Andersson, L. 1992. A provisional checklist of Neotropical Rubiaceae. *Scripta Botanica Belgica* 1: 1-230.
- Andrade-Lima, D. 1960. Estudos fitogeográficos de Pernambuco. *Arquivos do Instituto de Pesquisas Agrônomicas* 5: 305-341.
- Bacigalupo, N. M. 1974. Rubiaceae. In: A. Burkart (ed.). *Flora Ilustrada de Entre Rios*. Buenos Aires, INTA 6(6): 3-50.
- Bacigalupo, N.M. 1993. Rubiaceae. In: A.L. Cabrera (ed.). *Flora de la Provincia de Jujuy* - Republica Argentina. Buenos Aires, INTA 13(9): 375-437.

- Bacigalupo, N.M. 1996. Flora del Vale de Lerma. **Aportes Botánicos de Salta** 4(3): 1-52.
- Baillon, H.E. 1880. **Histoire des plantes**, Paris: L. Hachette et Cie. v.7, p. 262-266.
- Benjamin, D.S. 1959. Rubiaceae da cidade do Rio de Janeiro I - Tribo Spermaceae. **Rodriguésia** 33-34: 241-162.
- Benjamin, D.S. 1971. Estudo das Rubiaceae Brasileiras III - Cinco novas espécies da Tribo Spermaceae. **Rodriguésia** 38: 253-260.
- Bentham, G. & Hooker, J.D. 1873. **Genera plantarum**, London: Lovell Reeve & Co., Williams & Norgate, v.2, pt. 1, p. 142-148.
- Chamisso, L.A. & Schlechtendal, D.F.L. 1828. De plantis in expeditione speculatoria Romanzoffiana observatis. **Linnaea** 3(4): 338-366.
- Chodat, R.H. & Hassler, E. 1904. Plantae hasslerianae [*Mitracarpus*]. **Bulletin Herbier Boissier** 4: 190.
- De Candolle, A.P. 1830. **Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis**, Paris: Treuttel et Würtz, v.4, p. 571-574.
- Endlicher, S.L. 1838. **Genera plantarum**, Wien: Friedrich Beck.; pt. 6-7, p. 527-529.
- Holmgren, P.K.; Holmgren, N.H. & Barnett, S.C. 1990. **Index herbariorum**. Part. 1: The herbaria of the world. New York, New York Botanical Garden.
- Jacomine, P.K.T.; Almeida, J.C. & Medeiros, L.A.R. 1973. Levantamento exploratório – reconhecimento de solos do Estado de Pernambuco. **Boletim Técnico** 1(26). Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, Recife, PE.
- Kirkbride, J.H. 1997. Manipulus rubiacearum VI. **Brittonia** 49: 354-379.
- Mori, S.A.; Silva, L.A.M.; Lisboa, G. & Coradin, L. 1989. **Manual de manejo do herbário fanerogâmico**. 2 ed. Ilhéus, Centro de Pesquisas de Cacau.
- Radford, A.E.; Dickson, W.C. & Massey, J.R. 1974. **Vascular plant systematics**. New York, Harper & Row Publishers.
- Rusby, H.H. 1895. On the collections of Mr. Miguel Bang in Bolivia. **Memoirs of Torrey Botanic Club** 4(3): 209.
- Schumann, K. 1889. Rubiaceae In: K.F.P. Martius (ed.). **Flora Basiliensis, Monachii**, v.6, pt. 6, p. 71-81.